

MARCOLINO

CAZUZA

José Liberato Costa Póvoa

Faculdade de Direito

A situação de Marcolino até que não era das piores. Morava à beira da rodovia, num lugar por nome Verdadeiro, onde todo dia passava o expresso, um ônibus velho, chacoalhando a poeira da estrada de terra, empencado de gente, que dava um ar de progresso àquele pé de serra, onde, de casa, só havia a de Marcolino e, a meio quarto pro rumo da serra, a de Zé de Napu, ambas de enchimento. O passar diário do expresso é que era sua valência. Toda vez que ali passava, às vezes de dia, às vezes de noite, Marcolino postava-se no meio da estrada, gesticulando para que o chofer parasse e tomasse um café, uma pinga ou um coité de garapa azeda de cana, moída na engenhoca do terreiro. E assim, conquistando as graças dos motoristas, Marcolino sempre tinha o café, o sal e outras coisas vindas da cidade, a troco de quitandas de sua roça ou de novidades que só o mato pode oferecer: balaios, periquitos, papagaios, ovos de jacu, enfeites, melancias, farinha de puba, óleo de pequi, vinho de jenipapo. E assim, o Verdadeiro foi-se tornando ponto de parada para o cafezinho. Depois, a empresa o incluiu no itinerário como ponto oficial de descanso, e não tardou Marcolino recebeu uma proposta:

— Marcolino! — era o chofer, Gersonildo.

— Pronto, pronto, patrão! — todo solícito.

— O dono da empresa quer fazer ponto aqui.

— O Dono de quê? — Marcolino não entendeu.

— De empresa, do expresso, Marcolino! — explicou.

Marcolino esfregou as mãos calosas, mostrou os dentes alvos emoldurados pelos lábios grossos e pisca-piscou várias vezes os olhos naufragados nas rugas da testa negra e saliente.

— E minhas panelas?

— Que é que tem?

— São deste tamanico, ó! — e mostrou com as mãos grandes que as panelas eram pequenas que nem coco.

— A empresa lhe manda panela grande, homem!

— E a mesa?

— Ela manda fazer uma! — o motorista animava.

— Ou então eu mando Zé Carpina — Marcolino contribuía.

— Pois é. E faz uma puxada na casa...

— ... pra caber mais gente, é verdade. E sem dúvida ela manda os pratos e as ferramentas, pois só tenho um casal de pratos e dois garfos, e assim mesmo ruins.

— Ela manda, sim. E manda também os mantimentos; você tem quem cozinhe?

— Tem minha mulher, Mariana, e a de compadre Zé de Napu, comadre Valeriana.

— Então, você aceita?

— Ora tá! Pra quand'é?

— Pra semana. Pode tratar de fazer a puxada na casa e a mesa, que pra semana eu venho com os trens.

— É pra almoço ou janta, pessoa? — quis saber.

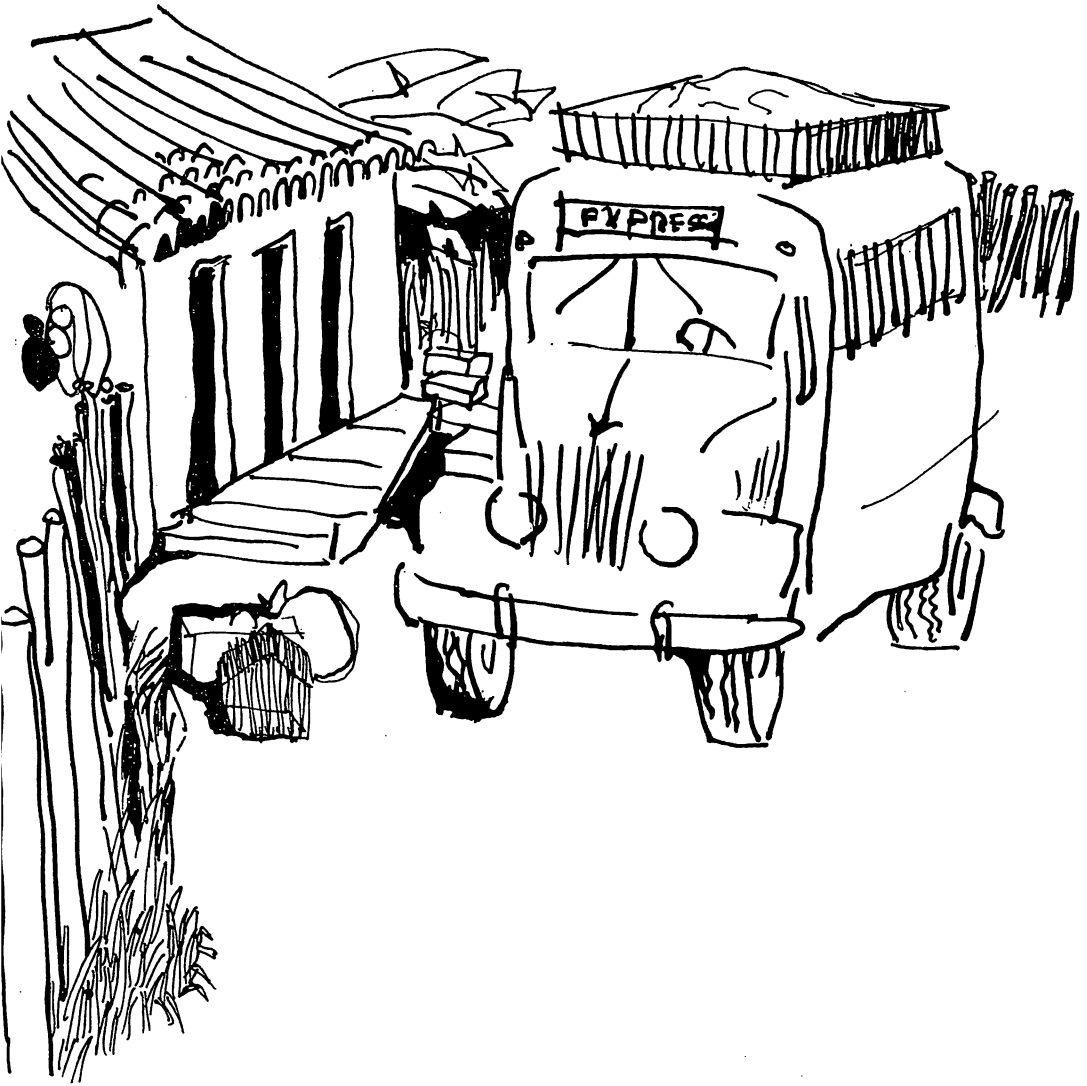
— Que eu venho?

— Não, o ponto.

— Os dois: ponto de almoço, na ida, e de janta, na volta.

E se o expresso der no adágio de atrasar? — Marcolino queria saber todas as minúcias.

— Você espera até a gente chegar.



— E o povo não vai reclamar, pessoa? O de comer frio...

— Tudo corre por conta da empresa. Além disso, quem anda de viagem chega varado de fome e não repara o de comer. É só requeentar e botar na mesa. Quem tiver de reclamar fica calado: daqui pro outro ponto regula meio dia de viagem. Se não quiser comer, fica com fome. Ficar com fome, ninguém quer.

Acertaram tudo. O expresso levantou poeira, gemendo e babando fumaça preta, enquanto Marcolino sacudia as alpercatas no rumo da casa do compadre Zé de Napu. Dar a notícia. E combinar a forma de pagar a comadre Valeriana no cozinheiro para os passageiros.

À boca da noite, estavam jantando, quando alguém interrompeu a conversa:

— Trovão?

Parece que não. Deve de ser o Gersonildo voltando da viagem.

— É. Deve de ser. A zoada vem dacolá de cima.

Não demorou muito, a estrada clareia no topo da ladeira. Era o expresso. Marcolino, como de hábito, foi para o meio da estrada, que lhe passava no terreiro.

— Noite, Marcolino! — saudou o chofer.

— Boa! Vamos apeando, pessoa. Mariana acabou de passar o café.

— Isto é bom! — O motorista disse, enquanto apeava do expresso, deixando o motor ligado.

— Quer dizer que na outra semana começa, né, pessoa?

— É, começa. — Confirmava Gersonildo, enquanto virava o último gole, e, fazendo um aceno, despedia-se.

O expresso, no correr da semana, passava, e Marcolino, que promovera um mutirão para construir a puxada, ia dando as novas ao motorista:

— Só falta acabar a mesa, mas Zé Carpina garante pra manhã. Mandei fazer dois bancos pra cobrir a mesa de fora a fora.

— Ótimo!

No dia aprazado, vêm os trens: panelões, muitos casais de pratos de esmalte, de garfos e colheres e bem duas quartas de arroz, mais de um celamim de feijão, meia arroba de carne verde e gordura enlatada.

— As misturas você pega na raça.

— Tá bom: maxixe, pepino, jerimum, verdura e ovo eu tenho um alarme, pessoa!

Faltava combinar a partilha dos lucros.

— A empresa só quer que você pague o que ela gastou. A sobra é sua.

Marcolino faz os cálculos. Vendendo os pratos de comida e pagando a empresa os mantimentos, o vasilhame e as ferramentas, dava o suficiente para ele tocar uma vidinha tranqüila.

No dia seguinte, chega o povaréu, morto de fome. Vem o almoço. Ninguém reclama. Todos pagam e saem satisfeitos. Na janta, da mesma forma. O negócio ia bem. No fim de uma semana, Marcolino juntou os cobres guardados no baú velho debaixo da cama — já um montão — e chamou o motorista:

— Vê aí o que é que é meu e o que é que é do expresso, pessoa.

O motorista pegou aquele montão de notas, fez conta no bico do lápis e separou em dois montes mais ou menos iguais:

— Este é seu; este, da empresa.

— Só, pessoa? — desconfiou Marcolino, estranhando.

— Só o quê, Marcolino? — disse o chofer, levantando as vistas meio surpreso.

— Aquela trezada toda só custou isto, pessoa?

— Não. A gente vai tirando de pouco. Daqui a um mês, o vasilhame tá pago e você tem capital pra comprar os mantimentos. E não precisa mais pagar nada, homem de Deus!

Marcolino clareou os olhos. Ia, pelo jeito, endireitar a rabeça. E ia poder dar a Mariana a roupa sonhada: um vestido

de seda lamê e uma sapatina de camurça. Mulher nova, morena cabo-verde, com mais de trinta anos mais nova que o marido, era os quindins de Marcolino. Bonita, rosto liso que nem calcanhar de cutia e cabelos pretos e brilhantes que nem casca de jabuticaba, Mariana era uma criança, com seus dezoitos anos incompletos. Casara-se nos dois, seis meses antes. Mais tangida pela necessidade do que impelida por qualquer afeição a Marcolino. Seus pais eram pobres, a ponto de nem plantarem roça por falta de semente; Marcolino, viúvo e sem filhos, tinha uma nesga de chão e umas cabecinhas de gado, uma roça de mantimentos e um dinheirinho de ponta de lenço enrolado num pano cheio de naftalina, num baú a chave debaixo da cama de seu quarto escuro. Não era muito, mas dava pra ir vivendo, comendo o que a roça dava e inteirando seu dinheirinho com a venda das coisas do mato aos que, de quando em vez, passavam de carro ali no Verdadeiro. Morrera-lhe a velha, o esteio da casa, pois era quem arribava com a enxada na cacunda e, ao lado de Marcolino, se emparelhava com ele no trabalho como se homem também fosse.

Quando a doença do peito levou Salu do Verdadeiro, Marcolino sentiu desabar seu pequeno mundo cercado de mato. E sozinho velou e enterrou o corpo tísico da preta velha debaixo do pé de juá. Por uma semana, não teve consolo, entre o pensar tristonho sobre a vida oca e os ataques de choro a ponto de beber o fôlego. Dali a quase mês, é que os vizinhos mais próximos — quatro ou cinco léguas — vieram saber que Salu do Verdadeiro se despedira do mundo.

Tempos depois, vem Zé de Napu fincar as estacas de seu rancho na beira da serra, a um quarto de légua do Verdadeiro. Já havia com quem conversar.

A dificuldade com que Marcolino tocava a vida e a insistência de amigos fez com que ele pensasse em nova companhia. Mas, no íntimo, sentia qualquer coisa de traição com a falecida. Parecia que a vida, com a saída de Salu, era uma espiga de minho cujos grãos foram roídos até o sabugo. Sentia-a incompleta, irrestaurável. E, meses depois, Marcolino

ainda carregava nos olhos umedecidos de tristeza a melancolia do pássaro preto solitário na gaiola.

Mas o tempo foi passando, e a solidão pegou a gritar na alma de Marcolino. Foi quando ele deu para caminhar de um lugar para outro, tentando espantar a melancolia, pois as conversas na casa do compadre Zé de Napu não variavam de assunto: roça, «o negócio é conformar», as vaquinhas mirradas. E nas suas andanças, um dia foi bater no Cantinho; há uns dez anos não revia o velho Elpídio, companheiro de rapaz. Escorou o jumento na porta:

— Ô, de casa!

— Ô, de fora! Vamos apeando — uma voz respondeu lá no fundo do casebre.

Marcolino amarrou o jegue na sambaiqueira e desceu. Na porta apareceu a velha Tudinha com a mão em pala sobre os olhos, debaixo daquela solama de meio dia cozinando as vistas.

— Como vai, «Sá» Tudinha?

— Bem, e ancê? — a velha ainda não tinha adivinhado, e olhava-o com jeito de quem o conhecia dalgum lugar.

— Como vai o v'Elpídio?

— Aí, assim, meio meleno... — a velha Tudinha, que tentava aliviar a memória traída pelo tempo, quis por fim à dúvida:

— Conheço ancê dalgum lugar, mas num tô presente.

— Sou lá do Verdadeiro.

— Verdadeiro... Verdadeiro... Ah, bom... Qual é sua graça?

— Marcolino, «Sá» Tudinha. Marcolino Ferreira. Lembra agora, né?

— Alpídio vai ficá é alegre. Faz um bando de tempo que num vê ancê.

— E cadê ele?

— Lá dentro, deitado .

— Doente?

— O corpo cheio de curuba . Pispiô como sangue novo, com coceira e acabô abrindo chaga .

— E já exprementaram passar sumo de maçã de algodão verde, «Sá» Tudinha?

— Ixe! Demais! E nem vingô nada .

— E são-caetano?

— Também . Casca de imburana, de pau d'arco, banha de enxofre, e nada . Até a velha Supriana já rezou o «Pedro-que-tendes-senhor-cobreiro» e nada .

— E num seria izipa?

— Não; já botemo folha de pimenta com azeite, e nada . Mas vamos entrar, que o sol tá quente .

O caso era mais grave do que se pensava . E os dois entraram para ver o velho Elpídio . Tudinha entrou e Marcolino parou na porta até as vistas se acostumarem à escuridão do quarto miserável, onde num catre de varas de vaqueta jazia o velho, com a cabeça encostada num pedaço de cheda de carro de boi . Quando os olhos do chegante foram assimilando o interior do quarto, foram surgindo aos poucos as chagas do velho, cobrindo-lhe o corpo muxibento, envolto em palhas de bananeira .

Ali conversaram bastante; o visitante, lamentando a falta da mulher para a ajudar na roça e na solidão, ele, que não tinha filhos, pois o único morrera com mal-de-sete-dias; o enfermo, queixando-se da miséria, que já encontrara aberta a porta de seu rancho, e da impossibilidade de dar um futuro à família, com uma filha moça e sem promessas, pois, apesar de bonita e prendada, estava socada naquele ermo afastado de tudo e de todos; e para inteirar, o povo deu pra passar de largo, temendo que o velho estivesse com mal-de-são-lázaro .

Enquanto conversam, entra Mariana com um pote d'água à cabeça . Bonita .

— Essa é Mariana?

— É.

— Tá moça, Elpídio! Lembro dela pichitinha.

— Pois é. Mas vai acabar é encroada, pois tá no tempo de arranjar marido. E aqui, adeus, viola!

A moça ingênua ficou toda sem jeito e saiu com a rodilha molhada para estendê-la ao sol.

Foi aí que Marcolino deu vontade de decidir. E decidiu. Falou com o amigo dos tempos de rapaz que estava à procura de mulher. O velho sorriu, como se tivesse achado a solução para seus problemas. E, conhecido de Marcolino, concordou.

— Quer dizer que posso levar a moça, Elpídio?

— Pra amigar? Se é pra amigar...

— Não homem! Casar! Sou lá disso, Elpídio? Bem verdade é que eu vivia amigado com Salu, mas isto foi no tempo do onça. Padre e juiz eram fruta de outro mundo. Mas agora, é diferente.

Conversaram e acertaram tudo, quase à revelia da moça, ali encostada à porta do quarto com o cotovelo na cintura e a mão apoiando o queixo, enquanto observava indiferente a decisão sobre o seu futuro.

E não houve dificuldade em convencê-la, pois Marcolino era uma esperança de vida melhor, apesar de não ter-se afeiçoado a ele, tanto pela diferença de idade como de cor. Mas, num lugar daqueles, onde a subsistência era madrasta, Mariana aceitou de boa vontade, partindo o recém-noivo para a cidade no expresso, a fim de preparar a papelada do casório. Nada de amigar. Prometera casar. Não se contentou só no padre. E casaram-se nos dois. Mal se casaram, morre o sogro. Tranqüilizado. A sogra mudou-se para a casa de parentes, muito distante ali do Cantinho.

Assim, Marcolino arranjara Mariana, disposta e trabalhadeira. Caíra do céu para tapar o buraco que Salu deixara. Quando Marcolino se levantava, ao romper do dia, Mariana já estava velha acordada e com o café passado. Quando ele ia

saltar a cerca da roça pra voltar pro almoço, ela já chegava com a gamelinha de mocotó. E a diligência de Mariana ia comprando a alma do marido.

A passagem diária do expresso fascinava Mariana, que botava o marido pra sair da roça na hora do ônibus pra oferecer o cafezinho, a garapa azeda e a pinga ao chofer Gersonildo. E o hábito fez com que ele aprendesse a gostar daquilo.

Gersonildo, o motorista, pegou a ter um fuá danado com Mariana, ante o olhar complacente e ingênuo de Marcolino, que ficou foi mais amigo dele.

— Esse Gersonildo é danado de constante! Já trouxe um lenço de seda e um vidro de água de cheiro pra Mariana.

Os agrados de Gersonildo entusiasmvavam Marcolino, que, na sua ingenuidade matuta, não percebia as intenções do chofer. Este, depositário da enorme confiança e amizade adquiridas a troco de presentinhos mirrados, mas significativos para Marcolino, uma vez que Mariana tinha por eles desmesurada estima, vendo que estava senhor da situação, passou a demorar mais meia hora no ponto de almoço e janta, pra descontar o atraso na poeira da estrada. E quando chegava com o expresso, primeiro cumprimentava Mariana, que já vinha toda regateira e repimpada, para depois dirigir-se a Marcolino. E um dia Gersonildo arriscou:

— Marcolino!

— Que é, pessoa? — veio todo gentil.

— Você não quer dar a sua mulher um passeio de expresso?

— Passeio onde, pessoa?

— Na linha do expresso mesmo: Traçadal, Estradinha, Boa Viagem...

— Pra quê, pessoa? — desconfiou.

— Ora, pra quê! Ela já andou de expresso?

— Não...



— ... mas tenho um bando de vontade de ir! — atalhou a mulher, querendo dizer que queria ir.

— Olha aí, Marcolino, — cutucava o chofer — ela precisa de distração e um passeiozinho assim de um dia não vai fazer diferença. Eu levo e trago.

Marcolino pensou e repensou, num dilema enorme: se não a mandasse, a mulher não faria falta na cozinha, mas certamente iria achavascar-se toda; se a mandasse, somaria um precioso ponto na afeição da mulher, mas, em compensação, o serviço ficaria falto de sua ajuda. E quis justificar:

— Mas, pessoa, e quem vai cuidar do cozinhame do povo?

— Um dia só, Marcolino? Não vai fazer diferença. Sua mulher precisa de um passeio, homem!

Mariana, ali de lado, torcia o nariz, dando a entender que queria porque queria ir.

— É, pessoa, bem que eu podia mesmo mandar a bichinha passear...

— E então? — o chofer atucanava.

— ... mas não vai dar.

Aí, Gersonildo, fazendo-se de ofendido, ensaiou um gesto de desconsolo:

— Tá bom, Marcolino, tá bom. Não se fala mais nisso. É questão de falta de confiança, né?

Marcolino quase cai. Ficou balbuciante e caçando um buraco pra enfiar a cara. Então não haveria de ter confiança no homem que sempre se mostrou pessoa decente e que quase todo dia vinha com agrados pra mulher? Ora, ora... E, arrependido de sua decisão, voltou atrás:

— Agora, só porque você maldou de mim, duvidando da minha confiança, ela vai, pessoa. Ela vai. E tá acabado!

Num minuto, Mariana correu lá dentro e voltou toda cheirosa, entrando no ônibus, que trafegava só com três passageiros: um pro Traçadal, ninguém pra Estradinha e dois pra Boa Viagem. Para o final da linha, ninguém, pois geralmente a passageirama toda era para as localidades interme-

diárias. O ponto final só se justificava por ser um entroncamento com uma federal, onde havia um posto de gasolina. A rigor, rodava quase duas léguas só pra abastecer, pois no caminho nenhum ponto de parada havia. No ponto final, era abastecido e ainda trazia vários galões de óleo para abastecer no caminho.

Marcolino foi acompanhando do terreiro o expresso subindo a ladeira poeirenta, com promessa de voltar à boquinha da noite.

Veio a boquinha da noite. Nada de expresso. As panelas tampadas em cima do fogão esperavam a qualquer hora o jantar.

— O expresso hoje deu no adágio de atrasar, compadre Zé! — Marcolino comentava com Zé de Napu, mais preocupado com a comida fria, pois a mulher estava na mão de gente boa.

De cima da ladeira, Marcolino contemplava a estrada de rodagem na campina, perdendo de vista, onde as sombras da noite baixaram seu cortinado negro, diluindo, acolá adiante, os contornos do horizonte. O expresso, nada. Em casa, já impacientes, alguns passageiros, de maca às costas, mornavam à espera. Marcolino volta, aparentando intranquilidade.

— Isto é algum atrapalho, compadre. Se aperreia, não!

Lá pelas tantas, lua alta, a zoadá do ônibus. A mesa foi posta às pressas. Marcolino postou-se no lugar de sempre: no meio da estrada. Daí a pouco, o cocoruto da ladeira iluminou-se, e a luz veio lambendo a estrada até à porta.

— Demorou hoje, hem, pessoa?

— O carro deu prego, Marcolino.

— E foi dos danado! — completou Mariana.

Desceram. Alguns passageiros que dormiam despertaram. Mariana contava as belezas da viagem, que fora um verdadeiro convite a um bis. Gersonildo explicava que o pneu do carro havia furado e demorara muito pra ser consertado.

— Mas com esse aribê de gente ficou mais fácil, né, pessoa?

— Que nada, homem! — e continuava a comer.

Na ponta da mesa, outros comiam. Marcolino corria de uma ponta a outra, agradando os passageiros:

— Uma pinguinha?

— É bom. Pinga dá espirito.

— Mais na frente, ao lado do chofer na mesa:

— Cansado, pessoa? — perguntou a um passageiro.

— Não, senhor. A viagem tá é boa.

— Não cansou com o consertame do pneu?

— Qual pneu? (Gersonildo olhou desconfiado)

— Do expresso, que furou. — Marcolino desconfiou.

— Não paramos nem uma vez de Boa Viagem praqui.

— Uai, Gersonildo, o pneu não furou?

Gersonildo, recompondo-se, explicou:

— Foi do posto pra Boa Viagem. Não tinha passageiro ainda, não.

— Ah, bom! — Marcolino entendeu.

Acabam de comer, o ônibus zoa e acende a luz. Todo mundo embarca. Ficam só os de sempre. A mulher, encantada, pois nunca pensou que andar de expresso fosse tão bom. Marcolino, satisfeito, pois não contrariara a sua mulherzinha, não fizera desfeita do amigo e ainda tirara bom lucro na janta.

— Quanto a gente já tem guardado?

— Na derradeira vez que contei dava pra comprar obra de uns vinte gados. Por que?

— E meu vestido e minha sapatina?

É mesmo. Vou encomendar Gersonildo.

— Eu é que queria comprar no comércio, pra não errar na cor e no tamanho.

— E onde é que você fica lá? Cê não tem conhecido e nem eu.

— Na casa da mãe de Gerso.

— Quem Gerso?

— Gersonildo. Ele falou que me leva na hora que eu quiser e não preciso pagar pensão lá na rua.

Marcolino ficou pensativo, mas não quis dizer que não, com medo de a mulher se zangar. E talvez até abrir fora dele. Na verdade, o que segurava a mulher em casa era o de comer, pois ele, já velho e consumido pelo trabalho duro, não oferecia esperanças de continuar a família. Ela ansiava por um filho, para satisfazer seus instintos maternos. Marcolino, que podia angariar a afeição da mulher de outra forma, só podia agradá-la com besteiras de vestidos de chita e água de cheiro vindos da rua. A pobre da moça, no verdor de seus vinte e poucos anos, virava e revirava na cama a noite toda, enquanto na rede Marcolino dormia sono solto pensando no dinheiro que estava ganhando. Ganhando e guardando no baú debaixo da cama. Mas para satisfazer sua vaidade, andava sempre com bons cobres no bolso da camisa quase transparente, de sorte que todos vissem que ele tinha dinheiro e era importante. Para qualquer emergência, tinha no bolso o necessário. No baú, nem se fala.

— Posso ir hoje no Traçadal, quando o expresso passar? Mariana voltava com a cegueira de andar de ônibus.

— Fazer?

— Uai, passear. Lá é bom...

— Deixa pr'outro dia. Hoje não, que é dia de muita gente pra bóia.

— E meu vestido de seda lamê?

— Deixa o expresso voltar, que a gente encomenda.

— E eu não vou?

E para suprir a falta que a idade não lhe permitia corrigir, Marcolino foi cedendo aos pedidos da mulher, que, dali a uns dias, passou a zanzar pra cima e para baixo no expresso. Havia dias em que só chegavam ela e o motorista, com desculpa de falta de passageiro, mas Gersonildo cozinhava o velho, que fazia questão de dizer-se desconfiado.

— Carece de preocupar, não, Marcolino. O de comer que não servir pr'amanhã, você desconta da empresa, que já tá combinado.

— Ah, bom! — Marcolino concordava.

E a promessa de mandar a mulher ao comércio no expresso para comprar a sapatina e o vestido de seda foi cumprida. Foi, e no outro dia o ônibus vem com outro motorista. Marcolino se preocupa:

— Cadê Gersonildo, pessoa?

— O senhor é Marcolino?

— É verdade!

— O Gersonildo manda avisar que adoeceu e não pôde viajar, mas amanhã tá aqui.

— Ah, bom! — Marcolino ficou aliviado.

No dia seguinte, chega Gersonildo com Mariana. Ele, dizendo que teve uma febre ligeira e braba que o derrubou de cama. Ela, falando maravilhas da rua e dizendo que ficou numa pensão, porque a mãe de Gersonildo tinha viajado, mas que tinha passado o dia e a noite muito bem.

— E o vestido e a sapatina?

— Gerso passou o dia na cama...

— Quem Gerso? — indagou o marido.

— Gersonildo, homem!

— Ah, bom! Eu tinha esquecido.

— Fica pr'outra vez.

— Fica.

Enquanto almoçam, Gersonildo vira-se para Marcolino e pergunta:

— Cê não tem filho. Marcolino? Por quê?

— Ah, pessoa, Deus num quis. Da primeira, morreu um com mal-de-sete-dias. Desta, cadê idade? Já tou velho, pessoa!

— Cê tá é enganado, Marcolino! Já tem remédio pra mulher ter menino sem precisar de homem.

— Ê a tal de piula?

— Não, esta é pra não deixar ter. Tem um remédio próprio e um tratamento que se faz no comércio.

— Ê mesmo, pessoa? — Marcolino clareou as vistas. Era o seu sonho dourado, ter um filho. Ainda mais que a mulher era outra que só falava em filho. Mas, cadê idade?

— Se você quiser, trago o remédio e depois levo ela pro tratamento, Marcolino. Ê duas vezes que ela tem de ir lá na rua. Não te empata?

— Não, pode trazer o remédio. Ê muito caro?

— Que nada. Eu até que tenho lá, que minha irmã tomou e sobrou.

— E o tratamento?

— Esse é que não custa nada. Ê só exercício que ela vai fazer, semana-sim-semana-não.

No dia seguinte, o chofer entrega a Marcolino um pacotinho com um bando de pastilhas.

— Ela deve chupar um comprimido de manhã e um de noite. Ê tiro e queda.

O expresso ziniu na estrada, enquanto Marcolino, feliz da vida, segredava à mulher:

— Gente boa, né, dona?

— Muito ótima. Só vendo como ele é bom comigo. Na sua frente, nem tanto. Pulou fora de você, ele vira outro, e parece até que sou ovo de indez: me chama é de «minha filha», me dá coisa de comer toda hora, pagou a pensão lá no comércio e fez questão de dormir no mesmo quarto, pois era terra estranha e eu tinha medo de ficar sozinha. Isto, fora outras bondades.

— Ê mesmo? E como é que vou pagar tanta coisa?

— Ixe! Ele não quer nem ver falar em paga. Diz que taí é pra servir a gente.

De manhã e à noite, Mariana chupava a pastilha, com o marido de lado, procurando saber detalhes do remédio, entusiasmado com a idéia de ser pai.

— É bom?

— Cê conhece hortelã?

— Conheço. Aquela que esfria a boca.

— Pois é assim o gosto do remédio. Quer provar?

— Não. Sei lá se esse bicho não vai me botar pra parir uma hora. Esses remédios de loja são cheios de patacoadas.

Na mesma semana, segue a mulher pra fazer o tratamento. Meses depois, as formas de Mariana começam a tomar outras feições, com vestidos não abotoando a maneira e os gostos extragantes dominando o antojo: fazia Marcolino zanzar atrás de pés de cagaitá e de araçá na chapada, e ele, sem dar ligança por conta do filho, ia pacientemente.

— É bom ou não é, o remédio? — era o chofer.

— Bom demais, pessoa! Se eu adivinho antes, já tinha comprado.

— Adiantava, não. Saiu agora, justamente na quadra em que comecei a trabalhar no expresso.

Um dia, Gersonildo pára na porta, e Marcolino vem todo eufórico:

— Nasceu, pessoa! Nasceu!

O motorista desce meio receoso e entra. No passar da porta, previne a Marcolino:

— Esqueci de te dizer uma coisa: menino de remédio não pode parecer com o pai. Todos parecem é com a pessoa que acompanhou o tratamento.

— Já desconfiava disso, pessoa. O bruguelo é a sua cara.

Gersonildo criou alma nova:

— E tá satisfeito, Marcolino?

— Ora tá, mas quá! E muito! Quanto devo, pessoa?

— Que é isso, Marcolino. Quando precisar, é só falar. De outro eu cobrava, mas de você, não! Com que cara, Marcolino?

E enquanto Gersonildo trabalhou no expresso, a casa de Marcolino encheu-se de menino branco, por força do remédio e do tratamento.